

onda,

elefante, medo

UMA vez eu estava nadando no Arpoador e a certa altura virei de barriga para cima, a boiar, olhando as nuvens, quando senti alguma coisa ao lado. Voltei a cabeça — e era uma onda, uma enorme onda, de vários metros de altura, que vinha galopando em minha direção. Creio que em frações de segundo tive diversas reações: nadar para terra, ficar imóvel, mergulhar — e afinal resolvi nadar em direção à onda para subir nela antes que rebentasse. Tive sorte: um instante depois de me erguer às alturas e passar por mim, a vaga estourou com um imenso estrondo. Como logo vinha outra — uma dessas grandes ondas súbitas nunca vem só, é sempre uma série de quatro ou cinco, às vezes mais — tratei de nadar para fora, para longe da arrebentação. E lá fiquei uns dez minutos ou pouco mais até que passasse aquela aflição do mar. Então nadei com força para terra, nervosamente, “peguei um jacaré” em uma onda comum e nela vim, batendo pés, os braços estirados para a frente, até ser depositado na areia.

Mas aquêlo instante de pânico — quando de repente senti que vinha UMA COISA e vi a onda — eu haveria de me lembrar dêle, há uns dois meses atrás, no coração da África, na fronteira de Uganda com o Congo. Eu visitava um desses parques nacionais em que os animais vivem em liberdade, e mandei parar o carro na estrada para filmar um bando de elefantes que pastava no meio do capim alto, a alguns metros. De repente tirei o olho da máquina e me volvei: um imenso elefante estava bem perto de mim, na estrada, me encarando. Em dois saltos me meti dentro do carro, e o motorista deu uma marcha à ré que me pareceu levar séculos para engrenar — já o enorme animal, desdenhoso, atravessava a estrada em direção aos seus amigos.

O elefante africano das savanas é bem maior do que êsse que a gente vê nos circos, geralmente asiático. Mas aquêlo, tal como eu o vi, era grande demais, mesmo para um elefante dos grandes. . . Ainda pude filmá-lo, porque depois de dar alguns passos fora da estrada êle voltou para nós sua tromba e suas prêsas de marfim. O chofer engrenou primeira e pisou. Só fomos nos deter uns vinte metros adiante, mas mesmo assim eu preferi ficar dentro do carro filmando pela janela.

Na opinião do motorista se tratava de uma elefanta, com certeza mãe de alguns jovens elefantes que eu filmava. Mas, tivesse ou não razão de ser, meu medo foi grande. Medo aliás, não tem coisa alguma a ver com a razão; eu por mim já tive muitos medos com motivo e outros sem motivo nenhum, e posso dizer que o tamanho é o mesmo, isto é, não varia com os motivos ou com a falta dêles. E a dimensão do medo é em profundidade, não só a profundidade interna, da alma da gente, mas a profundidade de um buraco imaginário sob nossos pés em que gostaríamos de sumir daquele instante. Outra coisa que posso dizer é que o chamado medo-pânico é de curta duração; mesmo que a sua causa (real ou imaginária) se agrave, êle diminui de intensidade, porque ou o indivíduo se conforma com o que der e vier — o que já me aconteceu uma vez na guerra e outra quando ia morrendo afogado — ou logo (às vezes depois dessa segunda fase de fatalismo) passa a usar tôda a sua energia para salvar-se. Qualquer desses dois estados de espírito é incompatível com o medo grande, o medão. É verdade que o medão pode voltar de repente. . . Bem, mas eu peguei na máquina para escrever sôbre elefantes e aqui estou a falar de meus medos. Elefante fica para outra semana.